

Guéniot, D.A., Valladares, F., Neves, J.L. & Marques, S.L. (Eds.). (2023). *Livros de fotografia em Portugal: da Revolução ao presente*. GHOST Editions — Pierrot le Fou — STET. 488 pp. ISBN 978-989-5442-9-4.

Fátima Lopes Cardoso
(Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa)
(mlcardoso@escs.ipl.pt)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7093-7881>

Fátima Lopes Cardoso (short bio): Investigadora integrada do LIACOM — Laboratório de Investigação Aplicada em Comunicação e Média, Centro de Investigação da ESCS-IPL, colaboradora do ICNOVA/FCSH, professora adjunta, coordenadora da licenciatura em Jornalismo da Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa (ESCS) e jornalista desde 1997. O processo de cruzamento entre o real e o verosímil, nas narrativas do jornalismo, tanto escritas como visuais, é o tópico mais omnipresente nos livros, artigos e outros trabalhos científicos que tem desenvolvido.

Submissão: 18/11/2024

Aceitação: 25/11/2024

A história e as “estórias” dos livros de fotografia em Portugal analisadas à lupa da crítica especializada

Resumo (PT): Contribuir para o conhecimento mais aprofundado e crítico dos livros de fotografia publicados, em Portugal, nos últimos 50 anos, é a proposta desta obra, que analisa 88 publicações, no contexto da época em que foram criadas. Dividido em sete capítulos temáticos, o inventário proposto por um conjunto de investigadores ligados aos estudos de fotografia começa com referências editoriais do pré-25 de Abril e leva o leitor por uma viagem de publicações até ao presente, em áreas tão diversas como os fotolivros que reportam o 25 de Abril e as mudanças sociais ou políticas da época à fotografia mais poética, artística e concetual.

Palavras-chave: Fotografia, Livros, Portugal, Fotolivros, Análise.

The history and ‘stories’ of photography books in Portugal analysed through the lens of specialised critics

Abstract (EN): To contribute to a deeper and more critical knowledge about the photography books published in Portugal over the last 50 years is the purpose of this book, which contextualises and analyses 88 publications in the context of the period in which they were created. Divided into seven thematic chapters, the inventory proposed by a group of researchers linked to photography studies begins with editorial references from pre-25 April and takes the reader on a journey of publications up to the present day, in areas as diverse as photo books that report on 25 April and the social and political changes of the time to more poetic, artistic and conceptual photography.

Keywords: Photography, Books, Portugal, Photobooks, Analysis.

A história e as “estórias” dos livros de fotografia em Portugal analisadas à lupa da crítica especializada

Realizar o inventário possível dos melhores livros de fotografia publicados em Portugal, nos últimos 50 anos, não é tarefa fácil, considerando a diversidade e dispersão editorial, mas David-Alexandre Guéniot, Filipa Valladares, José Luís Neves e Susana Lourenço Marques, os coordenadores da obra, conseguiram reunir, em sete capítulos temáticos, 88 livros publicados numa determinada realidade histórica, cultural e artística. Seguindo uma linha essencialmente cronológica, o livro é uma primeira¹ tentativa de mapear a produção editorial sobre a fotografia no país, 25 anos depois de António Sena² ter lançado aquela que ainda hoje é a mais bem-sucedida e consultada obra nacional sobre o tema: *História da Imagem em fotografia: Portugal 1839–1991* (1998). O título pioneiro tem sido o ponto de partida e servido de guia em diversos trabalhos de investigação académica e artística.

Apesar de se tratar de uma obra heterogénea, que atravessa territórios criativos e editoriais distintos, desde o início de 1970 até aos dias de hoje, torna-se evidente que, no processo de inclusão e exclusão da pesquisa do Instituto da História da Arte, “Imagens e livros. Estudo sobre o património editorial fotográfico em Portugal (1974 até ao presente)”, desenvolvido entre setembro de 2021 e março de 2022, ficam de parte muitos livros relevantes, especificamente *photobooks* de reconhecida qualidade documental e artística lançados por autores do fotojornalismo, nos últimos vinte anos, perpetuando o preconceito já criticado, em 1991, por António Sena:

A história em Portugal passa, tal como em muitos países, por uma periódica, e por vezes, entediante, discussão sobre «ser ou não Arte», sobre ser «Técnica» ou «Arte», sobre amadores e profissionais empenhados na mesquinhez dos concursos. As exceções só confirmaram a regra (Sena, 1991a, p. 7).

Na impossibilidade de analisar as centenas de títulos da lista preliminar, os autores tiveram, no entanto, o cuidado de incluir, em cada capítulo, uma lista bibliográfica selecionada que, como explicam os editores, “complementa os títulos escolhidos para

¹ Existe ainda a importante obra *Fotografia impressa e propaganda em Portugal no Estado Novo* (2021), coordenada por Filomena Serra, restrita apenas ao período da ditadura.

² António Sena já tinha iniciado este estudo, que foi publicado por altura da Europália 1991 (festival que decorreu na Bélgica com comissariado de Rui Vilar e tinha Portugal como país-tema), ao longo de 182 páginas, em *Uma história de fotografia*. O autor não se cinge, no entanto, apenas aos livros de fotografia, como acontece com *Livros de fotografia em Portugal*, publicado em dezembro de 2023, mas sim a todos os acontecimentos relevantes para a história da fotografia.

cada autor, como também apresenta obras de outros autores publicados até 2015 que, por opção editorial e de espaço, não foram incluídas” (Guéniot et al., 2023, p. 21).

Da autoria de Horacio Fernández³, autor de *Photobooks: Spain 1905–1997* (2014)⁴, o prefácio, “Garrafa ao mar”, realça a necessidade de os editores e autores evidenciarem a qualidade dos livros de fotografia portugueses e de deixar, como aconteceu com os pioneiros *The book of 101 books* (2001), de Andrew Roth, e os dois primeiros volumes do *The photobook: A history*⁵, de Martin Parr e Gerry Badger (2004, 2006), um legado para as gerações do futuro — “amigos da fotografia e de livros sobre fotografia”.

Livros de Fotografia em Portugal apresenta um panorama de garrafas atiradas ao mar. Em todas elas há uma carta que não espera resposta. Os seus autores são náufragos persistentes, que não vão desistir dos seus esforços assim, sem mais. *Livros de Fotografia em Portugal* é o primeiro inventário das suas mensagens, recuperadas pouco a pouco e com dificuldade (Fernández, 2023, p. 5).

Percebe-se depois, na introdução, que a intenção dos editores é tríplice: fornecer o inventário — até 2023 inexistente — dos livros de fotografia publicados em Portugal, que irá funcionar como um mapa para ajudar outros investigadores a não se perderem no labirinto de publicações, contrariar a falta de reconhecimento deste universo editorial, interpretando a natureza fotográfica de cada obra ou “o fotográfico” (Krauss, 2010), bem como combater o desconhecimento sobre o real valor da fotografia, enquanto objeto de preservação da memória, de criação artística e documental. Através da análise de 15 autores⁶, o leitor tem acesso ao contexto histórico, político, artístico e social dos livros contemplados e, em muitos casos, apercebe-se do simbiótico processo construtivo⁷ das narrativas visuais que envolveram fotógrafos, *designers*, escritores e editores.

³ Horacio Fernández é historiador de fotografia e professor da Faculdade de Belas-Artes de Cuenca, Espanha. Entre outros projetos que tem desenvolvido, foi comissário-geral do PhotoEspaña, entre 2004 e 2006.

⁴ O livro foi lançado por altura da exposição homónima no Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofía.

⁵ Existe um terceiro volume do *The photobook: A history*, publicado em 2016.

⁶ Catarina Rosendo, Emília Tavares, Filipe Figueiredo, Inês Fernandes, João Seguro, José Bértolo, José Luís Neves, Margarida Medeiros, Mário Moura, Miguel von Hafe Pérez, Sandra Vieira Jürgens, Sérgio Mah, Susana Lourenço Marques, Susana M. Martins e Tania Martuscelli.

⁷ O *design* parece ser um elemento fundamental neste processo de seleção das referências bibliográficas analisadas. E este livro, assinado por Pedro Nora, tem tudo para se transformar num objeto de culto, como prova o Prémio de Livros de Fotografia no PhotoEspaña 2024, na categoria de investigação.

Em véspera das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, a antologia de análises aos livros da fotografia em Portugal, que tem na capa a famosa fotografia da pedra do Guincho (1988) de Gérard Castello-Lopes, abre com o capítulo “Documentar a História”, uma revisitação a uma das publicações mais icónicas entre os fotojornalistas, embora desconhecida do grande público, que ajuda a perceber o ambiente social e político existente em Portugal na década de 70, dominado por um profundo desejo de mudança. As imagens de 20 fotógrafos de imprensa que reportaram a Revolução dos Cravos, reunidas em *Portugal livre* (1974)⁸, abrem esta obra de 488 páginas. Segue-se o catálogo lançado na exposição itinerante inaugurada na Galeria de Arte Moderna, no primeiro aniversário do 25 de Abril: *Portugal: Um ano de Revolução (1974–1975)*.

Do jornalismo a um contexto de maior militância política assumida, natural na época, Susana Lourenço Marques apresenta e enquadra a publicação de outros livros associados à ideologia de esquerda, como *Da resistência à libertação* (1977), lançado por altura de uma exposição comemorativa do terceiro aniversário da Revolução, no Mercado do Povo, com fotografias de Joshua Benoliel, Acácio Franco, Alfredo Cunha, Eduardo Gageiro ou, entre outros fotógrafos de imprensa, José Tavares. *Revolução e mulheres* (1976), terceiro volume da coleção “Imagens” *Uma certa maneira de cantar* (1977), com fotos de Costa Martins e do arquivo do jornal *Avante*, *As paredes em liberdade* (1974), *As paredes na Revolução: graffiti* (1978) ou, de cariz mais satírico, *Os Salazarentos* (1975) e *O Livrinho vermelho do galo de Barcelos, ex-citações de Mau de Zé y Chunga* (1975) são incluídos neste capítulo reservado à memória de um país em transição.

A fotografia era, à época, um importante instrumento de arremesso político. Das visões de uma certa extrema-direita resultou o livro *Orgulhosamente muitos...*, uma publicação menor bastante desconhecida entre os pares e que, segundo Neves, “narra a rocambolesca história” de reconstrução da estátua de Oliveira Salazar, em Santa Comba Dão, no ano de 1978, construída com uma visão “alinhada com valores de extrema-direita” (Neves, 2023,

⁸ O livro foi revisitado em abril de 2024 com uma exposição na Casa da Imprensa, em Lisboa, com o título homónimo, na qual estiveram presentes os autores para recordar a experiência de ser fotógrafo de imprensa nesse período da história portuguesa e como foi documentar a Revolução. A obra conta com imagens da autoria de Abel Fonseca, Alberto Peixoto, Alfredo Cunha, António Xavier, Armando Vidal, Carlos Gil, Correia dos Santos, Eduardo Baião, Eduardo Gageiro, Fernando Baião, Francisco Ferreira, Inácio Ludgero, João Ribeiro, José Antunes, José Tavares, Lobo Pimentel Jr., Miranda Castela, Novo Ribeiro, Rui Pacheco e Teresa Montserrat.

p. 71). Só ser o resquício de um ciclo que terminou e, eventualmente, a necessidade de objetividade ideológica sobre uma época justificará esta escolha dos editores.

Num momento em que Portugal era o centro das atenções da Europa e de uma certa parte do mundo, a pesquisa inclui a contextualização de alguns livros de autores estrangeiros que fotografaram o país. Como escreve José Luís Neves (2023, p. 54), *Grândola: Reportagen aus Portugal* (1976), de Günter Karau e Jochen Moll, parece

um guia turístico ilustrado sobre Portugal semelhante a muitos outros publicados durante as décadas que precederam a Revolução. No entanto, uma análise mais atenta do seu conteúdo revela um objecto que cruza a linguagem visual e gráfica dessas publicações com uma dimensão ideológica marcadamente socialista.

A realidade da época surge também documentada num dos livros mais belos do olhar humanista: *Una storia portoghese* (1986), de Fausto Giaccone, com fotografias captadas no Verão Quente de 1975, na aldeia do Couço, em pleno processo de Reforma Agrária, e uma nova série de imagens realizadas no regresso do fotógrafo a Portugal e à mesma povoação ribatejana, em 1986, quando teve oportunidade de mostrar à população as imagens que captara uma década antes, estabelecendo um processo empático tão necessário ao ato fotográfico. Algumas destas fotos constam no livro *Portugal 1974–1975: Regards sur une tentative de pouvoir populaire* (1979)⁹.

A escolha bibliográfica remete ainda para a fotografia mais contemporânea que utiliza o livro como voz de inquietação, como *Merda* (2006), de Alexandre Estrela, *3.16*, de Augusto Alves da Silva, e *Vende-se*, de Augusto Brázio. A propósito destes dois últimos livros, Emília Tavares (2023, p. 99) escreve:

Se a fotografia tem na sua ontologia uma vocação testemunhal, logo corpórea, sobre o sentido e o tempo do acontecimento, os dois projectos resultam numa erosão deste postulado, propondo por isso uma nova forma de representação fotográfica que não se centra na matéria e tempo de captação do mesmo, mas nas qualidades incorpóreas e cicatrizantes da sua acção.

O capítulo dois, “Imagem e texto”, inicia-se com obras publicadas no período da Revolução e que demonstram como a fotografia foi utilizada como importante testemunho das políticas de educação, uma das marcas dos novos tempos de liberdade:

⁹ Nesta obra, constam fotografias de reconhecidos fotógrafos internacionais, como Alécio de Andrade, Gérard Dufresne, Vojta Dukát, Jean-Claude Francolon, Jean Gaumy, Fausto Giaccone, Benoît Gysemberg, François Hers, Sylvain Julienne, Guy Le Querrec, Jacques Minassian, Alain Mingam, Jean-Paul Miroglio, Daniel Mularoni, Jean-Paul Paireault, Gilles Peress e Sebastião Salgado.

Manual de alfabetização (1976), de Helena Cidade Moura, e *Lição das coisas* (1975), de José Vultos Sequeira. Depois, como descreve Mário Moura (2023, p. 120),

um segundo núcleo, que contém obras como *Os bancos antes da nacionalização* (1975), de António Aragão, ou *Conto do Natal para crianças* (1975), de Mário Henrique Leiria, introduz a fotografia no campo da poesia concreta e da literatura expandida, reflectindo com ironia as contradições deste período.

Ao longo de 80 páginas (pp. 120–200), Mário Moura, Tania Martuscelli, José Luís Neves, Margarida Medeiros, Sérgio Mah e João Seguro escrevem sobre livros que são espaço de partilha entre a literatura e a fotografia: *O Cancioneiro de Natal* (1986), de David Mourão Ferreira e Ana Esquível, a série de volumes editados pela Difusão Cultural, que inclui *The secret agent* (1991), de Jorge Molder, ou *My tangier* (1991), de Daniel Blaufuks. Nesta parte, o leitor é conduzido para obras mais desconhecidas, como *Lisboa ao voo do pássaro*, de João Freire (1979).

É também neste capítulo que são contextualizadas algumas das referências da fotografia concetual pós-moderna: *Zerlina: Uma narrativa* (1992), de Jorge Molder, *Nuez* (2003) e *Bone lonely* (2011), de Paulo Nozolino e Rui Baião. Existem também escolhas improváveis para a fotografia, com o livro de autor desconhecido *Demasiado belos para quem não quer estar só* (1977), sobre a prostituição de miúdos de rua, e *Auto-photo biografia (não autorizada) de (António) Mário Viegas* (2003).

O terceiro capítulo mostra três obras produzidas em 1978: o livro homónimo de Helena Almeida, juntamente com *A floresta*, de Alberto Carneiro, e *Quatre mouvements de la peur*, de Julião Sarmento. “Matéria e performatividade” reúne o que Catarina Rosendo classifica como livros de artista. “Obras que exploram a materialidade do livro de forma reflexiva e que questionam as convenções ocidentais de leitura associadas ao códice” (Rosendo, 2023, p. 205). Nestas páginas, descobre-se *Carneiro*, da autoria de Mariano Piçarro, publicado pela Ether, em 1993; *La Taille de ce vent est un triangle dans l’eau* (2014), de Manuela Marques, ou os “exercícios de experimentação” de Lourdes de Castro propostos em *Recortação* (1992) e *Grand herbier d’ombres* (2002).

No mais extenso capítulo da obra, Sandra Vieira Jürgens desconstrói *Electrografia 1–3*, trabalhos desenvolvidos nos anos 1980 e publicados em 1990, além de *Mothion sickness* (2010). “Em diferentes momentos e contextos, António Aragão e Alexandre Estrela fazem uso da fotocopiadora para produzir trabalhos a partir de procedimentos de

manipulação electrográfica” (Jürgens, 2023, p. 243). Além dos mais recentes *Bad liver and a broken heart* (2012), de São Trindade, e *Prefiro uma ferida do que uma borbulha* (2015), de Tomé Duarte.

O próximo capítulo, “Imagens de inventário”, centra a análise em publicações que resultaram das políticas de apoio à produção fotográfica. Como exemplos mais interessantes deste período, surgem *ist* (1994), com fotografias do Instituto Superior Técnico pelo olhar de Augusto Alves da Silva; *Inventário* (2003), de Pedro Letria, sobre a Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa; *Time machine* (2011), de Edgar Martins, em resposta ao pedido da EDP para registo das barragens e centrais hidroelétricas no território nacional, ou *TNSC* (2011) e *Memorator* (2015), de Paulo Catrica, na sequência do convite para fotografar os teatros nacionais São Carlos e D. Maria II, entre outros trabalhos mais recentes.

O quinto capítulo do livro concentra-se na visualidade de “Mito e militância”, ou seja, obras documentais que, à margem das práticas propagandísticas do Estado Novo, contribuíram para a construção do imaginário coletivo de uma certa identidade portuguesa, como acontece com os livros de Eduardo Gageiro — neste caso, a obra analisada é *Gente* (1971) —, com o retrato das crianças filhas de emigrantes portugueses que viviam nos *bidonvilles*, de Pepe Diniz, em *Kids of Francmoisin* (1978); as deambulações fotográficas de Luís Pavão pelas *Tabernas portuguesas* (1981); *Escrito na cal* (1984), de Ana Esquivel; *Portugueses* (1985), de Luiz Carvalho; ou, mais recentes, *New world parkville* (2011), de Margarida Correia, e *The club* (2014), de Pedro Letria. “Mito e militância” abre, no entanto, com o olhar de quem vem de fora: *Portugal* (1971), de Neal Slavin, ou, entre outros títulos, *Angel* (1974), de Édouard Boubat.

O inventário de livros sobre fotografia prossegue para “Território e ficção”, dedicado às obras de uma geração de fotógrafos da década de 90, muito influenciados pelo panorama artístico internacional e com uma sólida cultura crítica. *EN118*, de Pedro Letria, serve de porta aberta para o itinerário visual que é este sexto capítulo. Nesta viagem, surgem ainda como referências *Ocupação* (2009), de Luís Palma, *Ontem* (2010), de André Cepeda, *Posto de trabalho* (2015), de Valter Vinagre, *Portobello* (2009), de Patrícia Almeida, *O perfume do boi* (2012), de André Príncipe, *Anticyclone* (2014), de Sandra Rocha, *Casa das sete senhoras* (2016), de Tito Mouraz, ou *Pearl*, de Tiago Casanova.

A obra encerra com “Proximidade e distância”. Longe da realidade nacional, autores como José Rodrigues, António Júlio Duarte, Cláudia Varejão, José Pedro Cortes e Carlos

Lobo levam o observador por experiências sensoriais ou momentos fugazes registados em viagem e que a fotografia tem a capacidade de tornar perenes.

Uma obra procura um fim para ser apresentada e seria impossível incluir todas as publicações com qualidade fotográfica e editorial editadas em Portugal, nos últimos 50 anos. Seguindo a ideia de Umberto Eco do livro enquanto obra aberta, acredita-se que cada um dos 88 livros apresentados irá despertar a curiosidade do leitor para procurar mais informação sobre estas e outras obras que falta analisar. Este é um desejo manifestado pelos autores do estudo. Poderá ser ainda necessário estender esta obra, como aconteceu com António Sena, entre 1991 e 1998, incluir novos autores, novos territórios da fotografia que têm sido negligenciados e talvez mereçam ter lugar num segundo volume de *Livros de fotografia em Portugal* mais centrado na última década.

REFERÊNCIAS

Eco, U. (2016). *Obra aberta*. Relógio D'Água.

Guéniot, D. A., Valladares, F., Neves, J.L. & Marques, S.L. (Eds.). (2023). *Livros de fotografia em Portugal: da Revolução ao presente*. GHOST Editions, Pierrot le Fou e STET.

Sena, A. (1998b). *História da imagem fotográfica em Portugal, 1839–1997*. Porto Editora.

Sena, A. (1991a). *Uma história de fotografia* (pp. 6–7). Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Krauss, R. (2010). *O fotográfico*. Gustavo Gili.